

# Da criança generalizada à indústria dos diagnósticos

---

Rosane Braga de Melo

## Resumo

Lacan nos diz que a aliança entre o discurso científico e o discurso capitalista será responsável pela universalização e homogeneização dos indivíduos. E há um preço a se pagar pela universalização do sujeito, pois se trata de uma subversão sem precedentes. A tese de Lacan indica a segregação como consequência da universalização (Soler, 2018) e, ao retomar a trilha percorrida por Michel Foucault em sua crítica ao campo médico-psiquiátrico, conclui que a psiquiatria aliada ao discurso da ciência nos levará ao campo de concentração generalizado, ou seja: separar, isolar, concentrar para dominar a partir de um projeto de uniformização. O discurso da ciência, que hoje a psiquiatria biologizante representa, difundiu o poder psiquiátrico, que seguiu na esteira de uma prática médica que já nasceu como um sistema de vigilância. O que sobrevive entre nós é a lógica do isolamento, que Lacan (1967) atribui ao nascimento do campo da psiquiatria. Isolar e concentrar pessoas é o tributo dessa universalização, e Michel Foucault (1973-1974/2006) considerou que esse poder psiquiátrico se realizou a partir da infância. Propomos abordar a expansão dos diagnósticos e a medicalização de crianças no Brasil como efeito da universalização dos modos de gozo. De que modos a criança generalizada favoreceu que a infância se tornasse um campo em disputa na lógica do mercado? Será essa a herança e o preço que pagamos pela universalização do sujeito?

## Palavras-chave:

Criança generalizada; Diagnósticos; Patologização; Medicalização.

## From the generalized child to the diagnosis industry

## Abstract

Lacan states that the alliance between scientific discourse and capitalist discourse is responsible for the universalization and homogenization of individuals. However, there is a price to be paid for the universalization of the subject, as it entails an unprecedented subversion. According to Lacan's thesis, segregation emerges as a consequence of universalization (Soler, 2018). Building on Michel Foucault's critique of the medical-psychiatric field, Lacan argues that psychiatry, when aligned with the

discourse of science, leads to a generalized concentration camp logic—one that isolates and concentrates in the service of domination through uniformity. The discourse of science, today exemplified by biologizing psychiatry, has disseminated psychiatric power rooted in a medical practice born as a system of surveillance. The logic of isolation that Lacan (1967) attributes to the emergence of psychiatry still prevails. Isolating and concentrating people becomes the tribute paid to universalization, and Michel Foucault (1973-1974/2006) considered that this psychiatric power was realized from childhood onward. This article discusses the expansion of diagnoses and the medicalization of children in Brazil as an effect of the universalization of *jouissance*. In what ways has the generalized child enabled the commodification of childhood? Is this the legacy—and the price—we pay for the universalization of the subject?

### **Keywords:**

Generalized child; Diagnosis; Pathologization; Medicalization.

## **Del niño generalizado a la industria del diagnóstico**

### **Resumen**

Lacan sostiene que la alianza entre el discurso científico y el discurso capitalista es responsable de la universalización y homogeneización de los individuos. Pero esta universalización tiene un precio: representa una subversión sin precedentes. La tesis de Lacan indica que la segregación es una consecuencia directa de esta universalización (Soler, 2018). Retomando la crítica de Michel Foucault al campo médico-psiquiátrico, Lacan concluye que la psiquiatría, aliada con el discurso científico, nos conduce a una lógica de campo de concentración generalizada: separar, aislar, concentrar para dominar a través de un proyecto de uniformización. El discurso científico, hoy representado por la psiquiatría biologizante, difundió un poder psiquiátrico que proviene de una práctica médica nacida como sistema de vigilancia. La lógica del aislamiento que Lacan (1967) atribuye al surgimiento de la psiquiatría todavía persiste. Aislar y concentrar personas es el tributo que se paga por esta universalización, y Michel Foucault (1973-1974/2006) consideró que este poder psiquiátrico se ejerce desde la infancia. Este artículo aborda la expansión de los diagnósticos y la medicalización infantil en Brasil como efecto de la universalización de los modos de goce. ¿De qué manera el niño generalizado ha contribuido a convertir la infancia en un campo de disputa dentro de la lógica del mercado? ¿Es esta la herencia — y el precio — que pagamos por la universalización del sujeto?

### **Palabras clave:**

Niño generalizado; Diagnóstico; Patologización; Medicalización.

## De l'enfant généralisé à l'industrie du diagnostic

### Résumé

Lacan affirme que l'alliance entre le discours scientifique et le discours capitaliste est responsable de l'universalisation et de l'homogénéisation des individus. Or, cette universalisation a un prix : celui d'une subversion sans précédent. La thèse de Lacan indique que la ségrégation est une conséquence directe de cette universalisation (Soler, 2018). En suivant la critique de Michel Foucault sur le champ médico-psychiatrique, Lacan conclut que la psychiatrie, alliée au discours scientifique, mène à une logique de camp de concentration généralisée — isoler, séparer, concentrer pour mieux dominer au nom d'un projet d'uniformisation. Le discours de la science, aujourd'hui incarné par une psychiatrie biologisante, a diffusé un pouvoir psychiatrique né d'une pratique médicale conçue comme système de surveillance. La logique de l'isolement, selon Lacan (1967), persiste depuis la naissance de la psychiatrie. Isoler et concentrer devient le tribut de cette universalisation, et Michel Foucault (1973-1974/2006) estimait que ce pouvoir psychiatrique s'exerçait dès l'enfance. Cet article propose une réflexion sur l'expansion des diagnostics et la médicalisation des enfants au Brésil comme effet de l'universalisation des modes de jouissance. En quoi l'enfant généralisé a-t-il contribué à faire de l'enfance un champ disputé dans la logique du marché ? S'agit-il de l'héritage — et du prix — de l'universalisation du sujet ?

### Mots-clés :

Enfant généralisé ; Diagnostic ; Pathologisation ; Médicalisation.

### Introdução

Há dois anos trabalho<sup>1</sup> com a hipótese de que nossa época propaga, de diferentes formas, uma hostilidade ao “infantil”, esse resto da infância que inscreve a “diferença absoluta” (Lacan, 1964/1990, 1971-1972/2012) na cidade dos discursos por meio dos corpos das crianças. A criança como alteridade circula na cidade dos discursos com esse corpo gozante, com esse resto do que experimenta como real, ou seja, “a fragmentação de seus gozos parciais” (Soler, 2014, p. 70). O “Século da Criança”, tal qual profetizou a escritora e poeta sueca Ellen Key, em 1900, reservava a promessa

---

1 Nas I Jornadas Interfóruns, realizadas no Rio de Janeiro em 1º e 2 de abril de 2023, com o tema “Segregação, identidades e mal-estar”, apresentei o trabalho “As incidências da segregação na infância e na adolescência”. No XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), com o tema “A psicanálise entre saber e verdade”, realizado de 16 a 19 de novembro de 2023 em Belém (PA), apresentei o trabalho “O saber totalizante no campo da infância: ressonâncias de verdade e de eficiência”.

de seguir nas trilhas da criança-falo, filha do narcisismo dos pais, como indicou Freud (1914/2006). Entrevemos algo que se metamorfoseou nos laços sociais e no campo do gozo, tal como Lacan formulou no *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), com muitas consequências para o campo da infância que não podem ser ignoradas, sobretudo por aqueles que praticam a clínica com crianças, na medida em que a criança “se encontra diretamente afetada pelo estado atual dos laços sociais ou dos desenlaces” (Soler, 2014, p. 43). Vivemos em uma época na qual, para além do narcisismo das pequenas diferenças, deparamo-nos com a manifestação da moção bruta da pulsão de morte, destruidora e instrumentalizada por um projeto civilizatório de supressão das diferenças. A criança, como elemento-chave para um projeto civilizatório, passa a ser cada vez mais colocada na posição de objeto de gozo, tutela e intervenção. Freud (1933/2006) se questiona sobre a introdução tardia da pulsão de morte em sua teorização e admite que incluir essa tendência destrutiva na constituição humana contradiz demasiadamente premissas religiosas e convenções sociais: tendência que se dedicará a destruir sua própria morada.

A expressão “criança generalizada” diz respeito às consequências, nos diz Lacan (1967/2003a) na “Alocução sobre as psicoses da criança”, da subversão introduzida pelo discurso da ciência, subversão sem precedentes, que mantém na ignorância esse corpo pelo sujeito da ciência que ela propõe, “o qual chegaremos a ter o direito de desmembrá-lo para a troca” (Lacan, 1967/2003a, p. 367). No discurso da ciência, o sujeito está foracluído, abolido, e o que resta é o corpo objeto de escrutínio e controle, tal como destacou Sonia Alberti na escrita do Prelúdio para o XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil): a criança, um pedaço de vida, reduzida a um pedaço de corpo, escrutinado pelo discurso.

Maud Mannoni, junto com Ginette Ribault, organizam, em 1967, o Congresso sobre as Psicoses Infantis. Mannoni declara (Didier-Weill, Weiss, & Gravas, 2007) que, ao final do congresso, Lacan fez um de seus mais belos discursos, em 22 de outubro de 1967, a “Alocução sobre as psicoses da criança”, introduzindo o sintagma que faz parte do título de nosso XXIV Encontro Nacional, a criança generalizada, e “este fato de que era preciso reconhecer a existência do louco e da criança em cada um de nós” (Didier-Weill, Weiss, & Gravas, p. 167). Mannoni fundou, em 1969, a Escola Experimental de Bonneuil-sur-Marne para crianças psicóticas ou “difíceis”, inspirada na antipsiquiatria e após duas experiências institucionais, que mostraram a ela a situação estupefacente das instituições que existiam para salvar a infância e que se serviam da psicanálise para amordaçar os educadores. Nesse congresso, em que se conjugam temas referentes à criança, à psicose e às instituições, Lacan nos chama a atenção para o debate que existia à época sobre o tema da liberdade e para a expansão das práticas de segregação. O tema

da segregação articulado ao progresso do discurso da ciência já havia sido mencionado na “Proposição de 9 de outubro” (Lacan, 1967/2003b).

Em novembro de 1967, dois meses depois da “Alocução” e da “Proposição”, Lacan profere um “Breve discurso aos psiquiatras” sobre a psicanálise e a formação do psiquiatra (Lacan, 1967) no Círculo de Estudos Psiquiátricos, sob a direção Henri Ey desde 1966. Nesse discurso, ele discute a angústia dos psiquiatras diante do louco, justamente porque o louco é um homem livre, um ser livre. E lembra que Foucault (1972/2010), quando escreveu *A história da loucura*, revelou-nos que foi em dado momento da história que os loucos foram isolados, sob os auspícios dos ideais do humanismo. Uma operação que não foi desprovida de interesse. A prática do isolamento permitiu, então, colocar os loucos como objetos de estudo, a partir de uma autoridade médica.

É, então, a partir do século XVII, considerado o Século de Ouro, que nascem a ciência e os progressos dessa civilização universal, que vão se traduzir não apenas pelo mal-estar anunciado por Freud em 1930, mas também por uma prática que vai ser cada vez mais estendida, que é a segregação. Afirma Lacan nesse breve discurso:

Os senhores nazistas, vocês podem ter um reconhecimento considerável por isso, foram precursores, e também tiveram imitadores imediatamente, um pouco mais a leste, em relação ao que é concentrar as pessoas — este é o tributo dessa universalização, na medida em que ela só resulta do progresso do sujeito da ciência. (Lacan, 1967, p. 19)

Foucault (1973-1974/2006, p. 255) considera que de fato o poder psiquiátrico “realizou-se a partir da infância, (...) em todo o século XIX foi principalmente a criança o suporte da difusão do poder psiquiátrico; foi muito mais a criança que o adulto. A criança e o louco presentificam na cidade a possibilidade de sermos mais livres, menos fixados a certo discurso. Esses gozosos a céu aberto incomodam, angustiam os que deles se ocupam, e no mundo eurocêntrico estão no centro das práticas de segregação. Para os loucos, o isolamento, e, para as crianças, outra forma de segregação, a escola e outras instituições.

O *infans*<sup>2</sup> entra na cidade dos discursos como objeto a ser falado, moralizado, educado, instruído, tutelado. Uma entidade que deve ser cultivada para se tornar um adulto, correlata ao surgimento histórico da escola no século XV como meio de educação e aprendizagem. Aliás, Philippe Ariès (1981), em *História social da criança e da família*, chama a atenção para o fato de que, antes do século XV, não se tinha ideia dessa “segregação das crianças”, a que estamos habituados hoje nas classes dos

---

2 Aquele que não tem a palavra, segundo a origem etimológica *in-fans*, aquele que não fala.

colégios. Ou seja, o historiador localiza na escola uma primeira prática de isolamento, de crianças e adolescentes, mesmo antes das alas nos hospitais psiquiátricos.

A lógica que preside a psiquiatria do século XX, aquela que faz da criança alvo de cuidado e atenção, sobretudo para as possibilidades de desvios da norma, segue o paradigma da tutela, da institucionalização, assumindo a psiquiatria o papel de mapeá-los para tratá-los. Devemos nos lembrar que a criança entra na história da psiquiatria pela via do déficit e da idiotia, como uma perturbação de uma função, a intelectual, tal como o diagnóstico consolidado por Wilhelm Griesinger em 1845 (Bercherie, 1980). Ademais, um trabalho de colaboração marca o encontro do campo da educação com o campo psiquiátrico no final do século XVIII e início do século XIX. Vamos acompanhar o interesse mútuo entre os dois campos em educar os sujeitos considerados ineducáveis. Mas desde então temos notícias do quanto a ordem médica abriga as questões morais e sociais, contribuindo para criar uma miserável ilusão da humanidade sobre sua imagem narcísica de beleza e bondade. Nos relatórios de Jean-Marc Gaspard Itard (Gonçalves & Peixoto, 2001) sobre o menino selvagem, Victor de Aveyron,<sup>3</sup> poucas palavras sobre o fato de que ele tinha sofrido uma tentativa de homicídio e fora largado na floresta para morrer.<sup>4</sup> No verão do ano 1798, em uma floresta francesa, foi encontrada por caçadores uma criança selvagem. Levada para Paris, foi observada por Pinel, que a considerou um idiota irrecuperável, e pelo jovem médico Itard, que, ao contrário, considerou ser possível recuperar o atraso no desenvolvimento provocado por seu isolamento total. Para provar suas ideias, Itard pediu a tutela da criança, com a finalidade de empregar um método educativo, que servirá de modelo até hoje para a reeducação de crianças surdas-mudas e atrasadas. Assim, em sua casa em Batignoles, com a ajuda de sua governanta, Mme Guérin, iniciou essa tarefa de desenvolver as faculdades dos sentidos, intelectuais e afetivas de Victor. Com os poucos avanços obtidos, Itard, após um ano, desiste da tutela e retorna com Victor para uma casa de surdos-mudos. Mme Guérin solicita sua guarda, e Victor permanece sob seus cuidados até sua morte.

A criança aqui é perturbadora da ordem e precisa ser ou tutelada, ou devidamente educada. A patologização dos ineducáveis e a segregação dos corpos infantis marcam a história da infância no mundo eurocêntrico. São teorias e posições normalizadas e dominantes sobre crianças e infância do Norte Global, como diz Sharmla Rama (Castro, 2021). Ao longo do século XX, acompanhamos o nascimento de outras formas de governar a infância, de modo que a vigilância punitiva assume outras roupagens, e a medicalização torna-se um fenômeno global. Domínio, concentração, extermínio, anestesia.

---

3 O menino selvagem foi retratado no filme de François Truffaut em 1970.

4 De 1334 a 1961, foram registrados 53 casos de crianças selvagens.

## O discurso da ciência e a universalização

O que a ciência introduziu de forma planetária, assevera Lacan (1967/2003a) na “Alocução”, ou seja, de forma globalizada, foi a universalização como fim. A infância como campo em disputa é a herança e o preço que pagamos “pela universalização do sujeito”, seja pela via da homogeneização e normalidade pretendida pelo projeto de escola aparelhada pelas ideias de eficiência e liderança, seja pela homogeneização dos modos de gozo dentro da civilização e o mercado de oferta dos objetos a serem consumidos, mas também pela construção de “muralhas técnicas”<sup>5</sup> linguageiras, novas insígnias para a alienação e a corporificação. Nesse mercado, só cabe o “para todos”. A servidão voluntária das massas é a cartada da política que sustenta o totalitarismo (Arendt, 1949/2012), fundamentado no ódio do homem pelo homem; mas também, como adverte Freud (1921/2006), isso só se sustenta por um tipo de identificação muito específico.

O que fazer, então, com aqueles que aparecem na cidade dos discursos com suas diferenças, diferenças irreduzíveis, sem as amarras do mercado e da tecnociência? A gestão desses corpos, a gestão desses gozos. Entre os modos de realizar essa gestão, indicamos a relação estabelecida entre os discursos médico-psicologizante-  
-psiquiátricos e o projeto civilizatório, que acolhe novas formas de (neuro)biologização de questões morais e sociais, ou, ainda, uma cerebralização de emoções, de comportamentos, de experiências e também do sofrimento psíquico (Ortega & Vidal, 2007). Mas com que fins? Que tipo de organização social busca organizar a coletividade dessa maneira, “científica”?

Urge colocarmos no centro desse debate a relação desse reducionismo biológico com o processo de radicalização totalitária que marca a história do século XX. Para Sauret, Askofare, & Macary-Garipuy (2016), a concepção de um sujeito biologicamente compatível é o que subjaz à ideologia nazista e ao materialismo científico, em sua versão stalinista, e caberia àqueles que sustentam tais determinantes biológicos explicar-nos como seu “biologismo” pode ser diferenciado dos terríveis biologismos que mancharam a história do século XX. Arendt (1949/2012) revela o quanto o totalitarismo no poder, para construir a base de seu domínio, define toda a ação como aceleração do movimento da natureza, e, se é lei da natureza eliminar tudo o que é nocivo e indigno de viver, torna-se necessária a fabricação da humanidade, eliminando indivíduos pelo bem da espécie. Destruir a individualidade, “destruir a vítima antes que ela suba no patíbulo, é, sem dúvida, o melhor para manter um povo inteiro na escravidão, na submissão” (Arendt, 1949/2012, p. 603).

---

5 Expressão usada por Hannah Arendt, que nos serve para pensar a multiplicação dos diagnósticos psiquiátricos.

## Diagnósticos como construções linguageiras e políticas

Em outros trabalhos, tenho me referido à construção dos diagnósticos de dislexia e TDAH, mas no presente texto detenho-me brevemente na origem do termo autismo, em razão da expansão do diagnóstico de TEA na atualidade.<sup>6</sup> No livro *Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista*, Edith Sheffer (2023) descreve o regime diagnóstico do Terceiro Reich correlacionado à contínua avaliação e reconstrução da humanidade, selecionando “vidas indignas de serem vividas”, e propõe discutir o quanto os diagnósticos podem ser modelados por forças sociais e políticas, o quanto o diagnóstico de “psicopatia autista de Asperger” surge modelado pelos valores e pelas interações entre a psiquiatria, o Estado totalitário e a sociedade.

O projeto cientificista concorreu para o programa de eliminação dos incapazes, e, no Terceiro Reich, o regime diagnóstico pautado na eugenia catalogou a condição humana, levou a uma biologização das categorias de pertencimento e não pertencimento, selecionando “as vidas indignas de serem vividas” a partir de características sociais e comportamentais. Em seus esforços para criar uma comunidade nacional homogênea, constituiu o primeiro sistema de assassinato em massa de crianças. O Estado nazista investiu na educação de crianças, para que elas pudessem se tornar devotadas ao regime, resolutas e fisicamente superiores. O empreendimento mais radical contou com oficiais do Estado cada vez mais envolvidos na supervisão e educação de crianças, na “Clínica de Educação Curativa”, para a qual Hans Asperger foi nomeado diretor em 1932.

As avaliações de crianças em clínicas e centros infantis serviram, no entregueras, à patologização dos desvios comportamentais e à remoção de casa; e, a depender da avaliação, crianças e jovens seguiam para lares adotivos, orfanatos e instituições de detenção. Durante a Segunda Guerra Mundial, surge o projeto Lebensborn, responsável pelo rapto de meio milhão de crianças por toda a Europa, descrito no livro *As crianças esquecidas de Hitler*, de Ingrid Von Oelhafen e Tim Tate.

Leo Kanner e Hans Asperger foram os primeiros médicos a utilizar o termo autismo e autístico como diagnóstico para crianças, e independente da nosografia introduzida por Eugen Bleuler em 1911. Bleuler cunha o termo para descrever uma das características da esquizofrenia em pacientes adultos que pareciam ter perdido o contato com a realidade. Na mesma época em que Kanner publicou sua obra *Distúrbios autísticos do contato afetivo*, em 1943, ele trabalhou no Johns Hopkins, nos Estados Unidos. O estudo publicado descreveu as observações de 11 crianças desde 1938. Desde 1930, ele havia criado o primeiro departamento

---

<sup>6</sup> O debate mais amplo sobre o autismo na perspectiva psicanalítica pode ser acompanhado nas publicações de Luis Achilles Rodrigues Furtado sobre o tema; na *Revista Marraio*, 2, de 2001; e em *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 2012.

de psiquiatria infantil dos Estados Unidos e já era bastante conhecido. Asperger apresentou sua tese de pós-doutorado, *A psicopatia autística na infância*, em 1944, cujo prefácio se referia aos psiquiatras infantis nazistas e situava o diagnóstico no interior da estrutura intelectual do Terceiro Reich. A tese e o diagnóstico permaneceram pouco conhecidos até 1981, quando uma psiquiatra britânica, Lorna Wing, divulgou o diagnóstico da síndrome de Asperger e, em 1994, *O manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM IV) incluiu a síndrome para se referir aos casos de autismo altamente funcional ou de altas habilidades. Consideramos dignos de nota: 1) como um diagnóstico nascido das ideias nazistas encontrou ressonância no final do século XX e como sua relação com essas ideias foi censurada, recalçada; 2) o uso do termo psicopatia por Asperger, um diagnóstico que surge na Alemanha em meados do século XIX, aplicado àqueles que ameaçavam a ordem social, como associativos, delinquentes, mendigos.

Mas não foi coincidência tal proximidade histórica no uso do termo autismo por Kanner e Asperger, conta-nos Edith Sheffer (2023). Dois membros da Clínica da Educação Curativa de Viena, o médico Georg Frankl e a psicóloga Anni Weiss, judeus, migraram para os Estados Unidos diante do crescente antissemitismo na Áustria e, com a ajuda de Leo Kanner, foram trabalhar no hospital Johns Hopkins. Georg Frankl e Anni Weiss já haviam publicado artigos sobre crianças com características de dificuldades sociais. O termo autismo já estava presente na psiquiatria alemã antes mesmo da ascensão do nazismo, e tudo indica que Asperger, embora não mencione os artigos de Frankl e Anni, utiliza-se desses trabalhos, embora use “autístico”, e não autismo. Contudo, na tradução inglesa da tese de Asperger, a censura ao contexto histórico levou à substituição da psicopatia por síndrome, e o que decolou na década de 1990 foi mesmo a síndrome de Asperger. O TEA surge no DSM V, expandindo critérios e fazendo disparar as taxas de diagnósticos, chegando a uma em 68 crianças em 2016.

O complexo industrial do autismo (Broderick, 2022; Fernandes, Couto, Andrada, & Delgado, 2024) denuncia como o diagnóstico de autismo se tornou uma mercadoria lucrativa, exemplo da infância como campo em disputa, objeto de debates e controvérsias no campo das políticas públicas brasileiras, contando sempre com discursos que alardeiam os ideais humanitários e de prevenção. A epidemia de diagnósticos (Whitaker, 2017), a patologização da vida, o consumo de medicamentos, mas também uma fantasia de infância, determinam as ações dirigidas aos corpos infantis no asfalto, nas ruas, nas comunidades, nas escolas, nas instituições.

Multiplicam-se as instituições especializadas em TEA em todo o Brasil, sob a propaganda de ser um grande investimento, com salários altos para profissionais da área de saúde e da assistência; cresce nas plataformas digitais a participação de escritórios de advocacia especializados em defender os direitos dos autistas;

difunde-se a oferta de testes para detecção precoce. Só no ano 2023 foram 266 proposições legislativas sobre o TEA e, em nível federal, temos duas frentes parlamentares: 1) Frente Parlamentar de Proteção às Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com 210 deputados, e 2) Frente Parlamentar de Cuidado das Mães de Crianças e Adolescentes com Deficiência, Autismo e Doenças Raras, destinada a promover o aprimoramento da legislação sobre o tema. Todo esse direcionamento político tem como objetivo o orçamento do setor da saúde. O principal investimento tem sido incluir nos Centros Especializados de Reabilitação (CER) atendimentos especializados ao TEA. As siglas se multiplicam: Certeia, Serdia, Creio, CRE-TEA, CAI, SER... Os municípios contam com um incentivo de 100 mil reais para abertura dos CER e de 30 mil reais para abertura de Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi).

Ambições totalizantes, que dependem de uma muralha linguageira. A nomenclatura uniforme como estratégia linguística tem sido apontada pelos críticos do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* da Associação Psiquiátrica Americana (APA), tendo em vista que a uniformização enseja remover o obstáculo à comunicação e à coleta de dados estatísticos nas classificações psiquiátricas americanas (Zorzanelli, Bezerra, & Costa, 2015). Acompanhamos o nascimento de outras formas de governar a infância, de modo que a vigilância punitiva assume outras roupagens, e a patologização e a medicalização tornam-se um fenômeno global. Domínio, concentração, extermínio, anestesia. E a criança generalizada, já disse Lacan, é a expressão de tudo isso. Isolar, concentrar, segregar, para fazer desaparecer na cidade dos discursos a diferença, a singularidade, as marcas da humanização dos corpos, que presentificam o mal-estar na cultura e resistem aos ideais de desenvolvimento e evolução.

## Referências bibliográficas

- Arendt, H. (2012). *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949)
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bercherie, P. (1980). *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Broderick, A. A. (2022). *The autism industrial complex: how branding, marketing, and capital investment turned autism into big business*. Maine: Myers Education Press.
- Castro, L. R. (2021). *Infâncias do Sul Global*. Salvador: EDUFBA.

- Didier-Wiell, A., Weiss, E., & Gravas, F. (2007). *Quartier Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Fernandes, A. D. S. A., Couto, M. C. V., Andrada, B. C., & Delgado, P. G. G. (2024). A “indústria” do autismo no contexto brasileiro atual: contribuição ao debate. *Material Técnico*.
- Foucault, M. (2006). *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Foucault, M. (2010). *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1972)
- Freud, S. (2006). Introducción del narcisismo. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Psicología de las masas y análisis del yo. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). 32ª conferencia: angustia y vida pulsional. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933)
- Gonçalves, J., & Peixoto, M. A. (2001). *O menino selvagem: estudo do caso de uma criança selvagem retratado no filme “O menino selvagem” de François Truffaut*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Recuperado de <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/cinema/dossier/meninoselvagem.pdf>
- Lacan, J. (1967). Breve discurso a los psiquiatras. Recuperado de [http://www.tee-buenosaires.com.ar/biblioteca/trad\\_07.pdf](http://www.tee-buenosaires.com.ar/biblioteca/trad_07.pdf)
- Lacan, J. (1990). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2003a). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003b). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Ortega, F., & Vidal, F. (2007). Mapeamento do sujeito cerebral na cultura contemporânea. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 1(2), 257-261.

- Sauret, M.-J., Askofare, S., & Macary-Garipuy, P. (2016). Controvérsias atuais no tratamento do autismo na França: o que está em jogo para a psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(spe), 1098-1118. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812016000400003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000400003)
- Sheffer, E. (2023). *Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista*. Rio de Janeiro: Record.
- Soler, C. (2014). *Lo que queda de la infancia*. Medellín: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Soler, C. (2018). Les ségrégations. Séminaire Champ Lacanien à Paris. *Mensual Paris*, 128.
- Whitaker, R. (2017). *Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Zorzanelli, R., Bezerra, J. R. B., & Costa, J. F. (Orgs.) (2015). *A criação de diagnósticos na psiquiatria contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.

**Recebido:** 01/05/2024

**Aprovado:** 22/05/2024